

O cuidado dos vulneráveis na teologia armínio-wesleyana

Caring for the vulnerable in Wesleyan-Arminian theology

*Vinicius Couto*¹

RESUMO

A teologia possui espaço para a discussão de questões sociais e suas implicações nas comunidades cristãs. Essa preocupação, no entanto, ainda não havia sido dada de maneira mais específica no pensamento do teólogo neerlandês Jacó Armínio. Possui ele alguma contribuição com o tema? Nossa hipótese é que sim e que, devido às especificidades das controvérsias sobre a predestinação, elas tenham sido ofuscadas. Deste modo, o presente artigo se propõe a investigar e analisar os pensamentos dos teólogos Jacó Armínio e de um dos principais continuadores da soteriologia arminiana, John Wesley, no que tange ao cuidado dos vulneráveis. Para tanto, exploramos as principais obras de ambos os pensadores em fonte primária, analisando-as a partir da história da teologia. Acreditamos que o texto contribui com avanços sobre a teologia de Armínio, visto esse tema ainda não ter sido explorado nele.

PALAVRAS-CHAVE

Jacó Armínio; John Wesley; Cuidado dos Vulneráveis; Teologia Pastoral; Teologia Prática.

ABSTRACT

Theology has space for the discussion of social issues and their implications in Christian communities. This concern, however, had not yet been given in a more specific way in the thought of the Dutch theologian Jacob Arminius. Does he have any contribution to the topic? Our hypothesis is that yes and that, due to the specificities of controversies about predestination, they have been overshadowed. Thus, this article proposes to investigate and analyze the thoughts of theologians Jacob Arminius and one of the main continuers of Arminian soteriology, John Wesley, regarding the care of the vulnerable. For that, we explore the main works of both thinkers in primary source, analyzing them from the history of theology. We believe that the text contributes to advances in Arminius's theology, since this theme has not yet been explored in it.

¹ Pós-doutorando em Educação, Artes e História pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, pesquisador do Grupo de Pesquisa RIMAGO. Mestre em Teologia pela Faculdade Batista do Paraná, Bacharel em Teologia pela Faculdade Nazarena do Brasil e Licenciado em História pelo Centro Universitário Internacional Uninter. Professor da Faculdade Evangélica de São Paulo e do Seminário Teológico Nazareno do Brasil. E-mail: prviniciuscouto@yahoo.com.br.

KEYWORDS

Jacob Arminius; John Wesley; Care of the Vulnerable; Pastoral Theology; Practical Theology.

Introdução

Começamos este ensaio definindo como estamos tratando a expressão “vulneráveis”, haja vista ser esta uma palavra polissêmica. Etimologicamente falando, ela vem do latim, *vulnerabilis*, que diz respeito a alguém que “pode ser ferido”, visto que deriva do verbo *vulnerare*, “ferir” e do substantivo *vulnus*, “ferida”. O adjetivo “vulnerável”, na língua portuguesa, “diz-se do lado fraco de uma questão ou do ponto por onde alguém pode ser ferido ou atacado”². O vulnerável pode ser alguém suscetível a algo, ou maleável a alguma coisa. Num sentido *lato*, todas as pessoas são vulneráveis, pois podem estar suscetíveis a fatalidades inesperadas ou a situações contingenciais. Contudo, num sentido *strictu*, o vulnerável é aquele que está em condição de necessidade, carecendo de amparo, ajuda. Nesse sentido, o vulnerável pode ser alguém que precisa de suporte financeiro/material – devido à pobreza, miséria, desemprego etc. –, emocional, intelectual e espiritual. O campo de necessidade do vulnerável pode ser qualquer que ofereça o risco de se ferir ou ser ferido, etimologicamente falando. Quem são os vulneráveis? São os pobres, os doentes, os idosos, as crianças carentes, os moradores de rua, os desempregados, as pessoas desalentadas e atacadas pelas doenças da alma etc.

Também é importante definirmos como estamos utilizando a expressão “Teologia Armínio-Wesleyana”. Num sentido amplo, o termo pode se referir à escola teológica dos seguidores e continuadores dos pensamentos de Jacó Armínio (1559/1560-1609) e John Wesley (1703-1791). Nesse caso, estaríamos nos aventurando num terreno muito extenso, visto que o remonstrantismo (movimento que seguiu Armínio nos Países Baixos) passou por muitas variações em seus expoentes (e.g., Johannes Wtenbogaert, Simon Episcopius, Philip van Limborch etc.), e o metodismo (movimento atrelado a John Wesley) possui especificidades em sub-ramos da linha fletcheriana (i.e., de John Fletcher), do Movimento de Santidade e do Pentecostalismo de Santidade. Deste modo, o presente artigo se refere à Teologia Armínio-Wesleyana (doravante TAW) como sendo a representação primária dos e nos pensamentos de Armínio e Wesley.

Uma vez que essas definições estão feitas, queremos, no presente artigo, discutir sobre uma das facetas da TAW quanto à noção do cuidado dos vulneráveis. Sobre John Wesley, possuímos muito material pesquisado e escrito, registrados em artigos, dissertações e teses. Isso, no entanto, não pode ser dito sobre Armínio. Em geral, Armínio tem sido tratado meramente no campo da soteriologia (o estudo sobre a salvação) – com algumas poucas exceções nas escassas pesquisas acadêmicas³ – e, com bastante frequência, numa abordagem enviesada de uma apologética militante⁴, que pretende defender esse posicionamento em detrimento do calvinismo.

² DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA. “Vulnerável”. In: _____, 2008-2021. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/vulner%C3%A1vel>. Acesso em: 07 fev. 2023.

³ Para uma discussão sobre o estado atual das pesquisas em Armínio, ver COUTO, Vinicius. “*Não somos daqueles que dominam a fé dos outros*”: tolerância, irenismo e liberdade de consciência em Jacó Armínio. 2022. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Diretoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo: UMESP, 2022. p. 25-33.

⁴ A palavra apologética vem do grego *απολογία* (*apologia*), que dizia respeito a uma defesa realizada perante os tribunais, em forma de discurso (cf. At 22:1; 25:16; 1 Co 9:3 etc.). O termo tem sido usado de maneira inflacionada

Nesse sentido, o presente artigo expande as discussões da TAW, ampliando a abordagem do pensamento de Armínio e analisa as principais motivações teológicas do cuidado dos vulneráveis em Armínio e Wesley. Nosso artigo se vale de um olhar narrativo e analítico a partir da história da teologia, preferindo as fontes primárias de ambos teólogos, mas dialogando com outros estudiosos da TAW em ocasiões oportunas.

O cuidado dos vulneráveis em Jacó Armínio

A discussão do cuidado dos vulneráveis é mais implícita em Armínio, contudo, não quer dizer que não exista. O primeiro ponto que podemos destacar é o da denominação protestante em que Armínio fora ordenado e servira como pastor por aproximadamente 16 anos, entre 1587 e 1603, em Amsterdam. Trata-se da Igreja Reformada da Holanda, que foi fundada em 1571 por ocasião da realização do Sínodo de Emden, quando os delegados presentes estabeleceram a Confissão Belga e os Catecismos de Genebra (para os membros de fala francesa) e de Heidelberg (para os de fala holandesa) como documentos confessionais oficiais. Encontramos no artigo 44 da Ata desse sínodo, uma orientação sobre os cuidados pastorais aos mais vulneráveis, além de uma abordagem de cautela com respeito às pessoas que queriam se aproveitar das ações sociais da igreja, “que, a pretexto da pobreza e da religião, desejam que a necessária e merecida esmola seja dada às famílias da fé”⁵.

Além de Emden, a Igreja Reformada realizou outro sínodo na cidade de Dort, em 1574 (não confundir com outro sínodo ocorrido entre 1618 e 1619 na controvérsia remonstrante), a fim de tratar da consolidação denominacional nas terras neerlandesas. Nessa reunião eclesiástica oficial, foi estabelecido que era dever dos *Dienaren des Woordts* (i.e., servos da Palavra), mais do que pregar nos cultos e cerimônias litúrgicas, senão também “confortar e fortalecer os membros enfermos, pobres e desolados”⁶. Pouco mais adiante no *chronos*, um terceiro sínodo foi realizado em Midelburgo, em 1581. Nesse caso, foi afirmado aos oficiais da igreja, a saber, Presbíteros e Diáconos, o dever de “coletar cuidadosamente outras esmolas e riquezas que são concedidas para o bem da nutrição dos pobres, e distribuí-las com sabedoria e fidelidade”, bem como “visitar os aflitos”⁷. Esse sínodo também enfatizou a necessidade de prestação de contas dos presbitérios, a fim de certificar que eles estavam levando a cabo

no meio evangélico brasileiro como uma ferramenta de ataque a ideias divergentes e a religiões diferentes, sob a justificativa da fala de Judas, em sua epístola, para que os cristãos “batalhem pela fé que uma vez foi dada aos santos” (v. 3). O “batalhar” (*ἐπαγωνίζεσθαι* – *epagōnizesthai*) de Judas, é usado como uma figura de linguagem, uma metáfora, para que os cristãos não desanimassem em meio às perseguições dos judeus e corrigissem os erros doutrinários dos que estavam deturpando as crenças cristãs (v. 4). Assim, eles deveriam lutar por suas crenças, mas não atacando as pessoas e tendo a fé cristã como subterfúgio para tal. A ideia de Judas é num sentido mais defensivo e de sobrevivência das crenças cristãs, do que ofensivo, em si. Na teologia, portanto, a apologética tem a função de defender as doutrinas cristãs das teses contrárias.

⁵ “[...] qui praetextu paupertatis et religionis eleemosynas domesticis fidei necessarias et debitas praei piunt”. In: RUTGERS, F. I. (ed.). *Acta van de Nederlandsche Synoden der Zestiende Eeuw*: Verzameld en Uitgegeven. Utrecht: Kemink & Zoon, 1889. p. 81.

⁶ “is de siecke, arme ende troostloose lidmaten te besoecken troosten ende te stercken” (In: RUTGERS, 1889, p. 144).

⁷ “Officium autem eorum proprium est, eleemosynas alias que opes, quae pauperum alendorum gratia conferuntur diligenter” e “afflictos visere” (In: RUTGERS, 1889. p. 383).

as diretrizes do “cuidado dos pobres”⁸. Tal prestação de contas foi confirmada novamente no sínodo de Haia, em 1586⁹.

Armínio fora ordenado em 27 de agosto de 1588. Antes disso, ele passou por exames perante o consistório – que avaliou aspectos doutrinários – e por análises de uma *propoositie* – uma espécie de proposição em forma de sermão, cujo objetivo era analisar a oratória e desenvoltura do candidato. Esse procedimento começou ainda em outubro de 1587. Era um processo rigoroso. O candidato ao pastorado tinha que apresentar cartas de recomendação de professores (Armínio teve a recomendação de Teodoro de Beza e de Johannes Grynæus) e subscrever aos documentos confessionais. Já como ministro ordenado e empossado à Igreja Antiga (*Oudekerk*) de Amsterdam, ele optou por pregar no método *lectio continua*, seguindo suas homilias a partir da carta de Paulo aos Romanos e do livro do profeta Malaquias, iniciadas em 6 de novembro de 1588. Ademais, foi realçado pelo consistório de Amsterdam, em 1588, sobre deveres pastorais que excediam a pregação, vindo ao encontro da fase de ordenação de Armínio. O documento assinalava que, era dever dos pastores dessa igreja “ajudar a carregar o fardo da cidade [...] visitando os enfermos e fazendo outras coisas [de natureza social]”¹⁰.

O *corpus textual* de Armínio¹¹ lida com o tema do cuidado dos vulneráveis de maneira indireta, especialmente no que tange às boas obras. Devido à ênfase protestante da justificação pela graça mediante a fé, em detrimento da visão católica da justificação pelas obras, não era incomum encontrar reformados que se opunham à prática das boas obras. No prefácio da *De veru & genuino sensu cap. VII Epistolae ad Romanos Dissertatio* (Dissertação sobre o sentido verdadeiro e genuíno de Romanos 7), de Armínio, o autor¹² comenta sobre isso:

Homens doentios têm chegado ao argumento vergonhoso e absurdo, inferindo a partir daquelas passagens que nos dizem que somos justificados pela fé sem obras, que não é necessário nos dedicarmos às boas obras, pois como já estamos do lado de cá da justificação, já estamos, portanto, salvos. Não percebem que o que está escrito em outras passagens é que a fé verdadeira, isto é, aquela pela qual fomos justificados, deve ser efetivada pela caridade e que essa fé, sem obras, é tão morta quanto um cadáver¹³.

⁸ “an pauperum [...] cura ge ratur” (In: RUTGERS, 1889. p. 387).

⁹ RUTGERS, 1889, p. 496.

¹⁰ *Protocollen der Kerkeraad Amsterdam, Algemeen*. In: *Archief Nederlands Hervormde Gemeente Amsterdam, Gemeente Archief Amsterdam*, vol. 1, 1578-1589, p. 409. Disponível em: <https://n9.cl/u9n89>. Acesso em 07 fev. 2023.

¹¹ Quanto às citações de Armínio, usaremos os seguintes materiais: ARMINII, Iacobi. *Opera Theologica*. Leiden: Goderfridum Basson, 1629, doravante *Opera*; ARMÍNIO, Jacó. *As Obras de Jacó Armínio*, 3 vols. [tradução: Degmar Ribas]. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, doravante *Obras*; e ARMINII, Iacobi et ali. *Præstantium ac eruditiorum virorum epistolæ ecclesiasticæ et theologicæ*, vol. 1. LIMBORCH, Philip van; HARTSOEKER, Christian (eds.). Amsterdam: Franciscus Halma, 1684, doravante *Ep. Ecc.*

¹² O prefácio é assinado pelas *liberi orphani novem* (nove crianças órfãs), isto é, os filhos de Armínio. Porém, devido à época da publicação do texto, 1612, sabemos que não haveria a possibilidade de serem eles, visto que a filha mais velha (Engeltje) tinha apenas 19 anos de idade, enquanto que e o filho mais velho (Herman), apenas 17 anos. É possível que o autor tenha sido o amigo pessoal de Armínio, Johannes Wtenbogaert, mas não é possível afirmar. Para mais informações sobre a questão da autoria, ver COUTO, 2022. p. 228.

¹³ “Venit eriam in hunc censum turpis παραλογισμος, quo ex illis locis ubi dicimar justificari ex fide sine operibus, malesani homines inferunt, non esse ergo necesse bonis operibus incumbere, utpote citra que justificandi, ac proinde es salvandi simus. Non advertentes alibi scriptum esse, foedem veram, hoc est, eam per quam justificantur, debere esse efficacem per charitatem: stem fidem sine operibus mortuam esse atque inanimi cadaveris instar se habere”. In: *De veru & genuino sensu cap. VII Epistolae ad Romanos Dissertatio*, in: *Opera*, p. 814-815; *Obras*, vol. 2, p. 180.

Armínio estava ciente dessa linha antinomiana. Por isso, ele argumenta de maneira diatrí-bica, questionando sobre a relevância da prática das boas obras e respondendo como elas devem ser feitas: “Boas obras devem ser realizadas? [Sim!] Pelo Espírito de Cristo, elas devem ser recomendadas a seu autor [i.e., Cristo] e devem ser mergulhadas em seu mesmo sangue, para que não sejam rejeitadas pelo Pai devido às suas deficiências [i.e., das obras]”¹⁴. Esse excerto de Armínio também reflete outra preocupação: a de não atribuir alguma bondade inata ao ser humano. Por isso, ele se preocupa em destacar que, essas boas obras só podem ser realizadas pelo Espírito, isto é, por intermédio da graça, afinal, devido aos efeitos da queda de Adão, a humanidade estaria incapacitada de realizar tais feitos. Com esse argumento, ele quer evitar o pelagianismo e/ou o semipelagianismo.

Armínio repete a máxima protestante de que não somos salvos *pelas* boas obras, mas *para* as boas obras. Embora a prática de boas obras não proporcione justificação, aqueles que foram justificados precisam demonstrar evidências externas dessa justificação por meio das obras, caso contrário, o indivíduo cai em mero discurso vazio. Armínio associa tais boas obras com os frutos dignos de arrependimento, apregoados por João Batista no deserto. “Frutos” são tomados como uma metáfora para as obras. Assim, se alguém declara ter o arrependimento dos pecados e professa ter recebido uma nova vida em Cristo, não basta fazê-lo meramente por meio de discursos, senão pela prática concreta. Armínio explica: “De nossa parte, as boas obras são aquelas dignas de arrependimento (Mt 3.8; Lc 3.8), as quais Deus preparou, em Cristo, para que os fiéis e arrependidos andem nelas (Ef 2.10)”¹⁵. Ecoando o lema da Reforma, *soli Deo gloria*, ele afirma que “o objetivo final [das boas obras] é a glória de nosso Deus Redentor, simultaneamente justo e misericordioso, em Cristo nosso Senhor”, eliminando qualquer antropocentrismo pelagiano ou semipelagiano, uma vez mais¹⁶.

Armínio enfatiza que as boas obras são, portanto, resultado do estímulo do Espírito ao ser humano, concedendo graça para que tais obras sejam feitas. Para explicar essa dinâmica de iniciativa divina e resposta humana, ele menciona que, “o homem regenerado não apenas deseja o que é bom, mas também o faz, pois Deus realiza neles o que Ele deseja realizar (Fp 2.13)”¹⁷. Ele referencia acertadamente o texto de Paulo aos filipenses para tal sinergismo, uma vez que no referido verso, o apóstolo utiliza o verbo ἐνεργῶν (*energōn*) para descrever o processo da santificação, ou desenvolvimento da salvação, como mencionado no verso imediatamente anterior (σωτηρίαν κατεργάζεσθε – *sōtērian katergazesthe*). A palavra ἐνεργῶν vem de ἐνεργέω (*energeō*), cujo significado na perícopie em questão, assume o sentido de “incentivar”, “energizar”, “estimular”. Nesse sentido, Paulo estaria ensinando à comunidade de Filipos que o desenvolvimento da salvação é algo extremamente importante e que o próprio Deus, interessado nisso, incentiva, estimula e energiza o crente, capacitando-o para a santificação, que

¹⁴ “Opera bona praestanda? per Spiritum Christi illa oportet, ut hoc authore commendentur, & sanguine ejusdem tingenda, ne propter defectum à Patre repellantur”. In: Oratio II, De objecto theologiae, in: *Opera*, p. 37; *Obras*, vol. 1, p. 74.

¹⁵ “Et ex parte nostra bona opera quæ resipiscentiam decent quæque Deus in Christo creavit ut fideles & resipiscentes in ijs ambulent”. In: Disputationes publicae XVII, De Resipiscentia. In: *Opera*, p. 291; *Obras*, vol. 1, p. 519.

¹⁶ “Finis ultimus est gloria Dei Redemptoris justi simul & misericordis in lesu Christo Domino nostro”. In: isputationes publicae XVII, De Resipiscentia. In: *Opera*, p. 291; *Obras*, vol. 1, p. 519.

¹⁷ “Non enim tantum vult id quod bonum est homo regeneratus, sed etiam facit. Deus enim in illis efficit velle des perficere.. Phil. 2”. In: De veru & genuino sensu cap. VII Epistolae ad Romanos Dissertatio, in: *Opera*, p. 852-853; *Obras*, vol. 2, p. 242.

envolve, inequivocamente, a prática de boas obras. Assim, Armínio afirma: “Deus preparou as boas obras para que os regenerados andassem nelas, ou, os criou para as boas obras”¹⁸. Ele traduz ἐνεργῶν por *efficit*, ao invés de seguir a Vulgata com *operatur*. O primeiro verbete é mais amplo na significação, podendo ser usado como “efetuar”, “executar”, “completar”, “realizar”, “fazer”, “formar”, “compor” etc., ao passo que o segundo é mais limitado à ideia de “operar”. Nesse caso, está implícita a ideia de que Deus “efetua” a capacitação, o estímulo, e não as boas obras no lugar do indivíduo.

As boas obras não servem para que “algum homem seja justificado por elas, porque o miserável é tornado impotente e inútil pela carne, mesmo que tivesse cometido apenas um pecado”¹⁹. Para que elas servem então? Na perspectiva de Armínio, para que o ser humano, “por meio das boas obras, possa perseguir a herança e a glória celestiais (Rm 2.7), de modo que ele mesmo glorifique a Deus (1 Co 6.20), e forneça a outros a oportunidade e os componentes para que glorifiquem a Deus (Mt 5.16)”²⁰. Praticar as boas obras, portanto, não estava em negociação no pensamento e práxis de Armínio. Quando um crente coloca em ação tais obras, ele ajunta tesouros no céu e será galardoado por isso no *escathon*. No entanto, enquanto esse momento futuro não chega, as boas obras exaltam a Deus e servem como instrumento de evangelização, levando as pessoas a enaltecerem o Criador.

As boas obras são praticadas por meio da caridade. A palavra latina mais usada para se referir a isso é *caritas*, que pode significar uma atitude de bondade e compreensão para com os outros, consideração, estima, afeição, amor, carinho. Etimologicamente, falando, ela vem do grego χάρις (*charis*), que envolve as noções de boa vontade, benevolência, favor, graça e misericórdia. A polissemia dos verbetes grego e latino pode nos levar para a noção da salvação divina, operacionalizada sem o mérito humano, para presentes que foram ganhos, ou, ainda, para a prática de boas obras. Armínio usa em todos esses sentidos. Contudo, interessa-nos o último deles, a respeito do qual podemos ler: “Deus quer algumas coisas, na medida em que são consideradas absolutamente boas, de acordo com sua natureza. Assim, ele deseja a caridade e que se faça o bem aos homens, uma vez que são criaturas sua”²¹. Noutras palavras, a “caridade”, referida ali por Armínio como *eleemosynam* (i.e, esmolas, misericórdia, piedade, compaixão, boas obras), é um desejo de Deus para a humanidade e é reflexo da imitação humana, por meio da graça, dos atributos comunicáveis. Deus é caridoso e, portanto, seus filhos precisam ser assim.

A caridade deveria ser aplicada especialmente aos pobres, que são os mais vulneráveis. Armínio entendia que, deixar de ajudar os necessitados configurava no pecado de omissão, praticado por quem “não doa aos pobres uma parte da abundância dos seus recursos”²². Portanto,

¹⁸ “Deum preparavit bona opera ut in iis ambularent regeniti, seu, condidit eos ad bona opera”. In: De veru & genuino sensu cap. VII Epistolae ad Romanos Dissertatio, in: *Opera*, p. 853; *Obras*, vol. 2, p. 242.

¹⁹ “Non ut per illam iustificetur homo, quia horfum per carnem impotens & inutilis facta est, etiam si tantum unicum ab homine peccatum perpetratum esset”. In: Disputationes publicae XII, Lege Dei. In: *Opera*, p. 267; *Obras*, vol. 1. p. 480.

²⁰ “[...] per viam bonorum operum ad coelestem hæreditatem & gloriam contendat, Deumque glorificet ipse & alijs glorificandi Deum occasionem & materiam subministret”. In: Disputationes publicae XII, Lege Dei. In: *Opera*, p. 267; *Obras*, vol. 1. p. 480.

²¹ “Vult Deus nonnulla quatenus secundum naturam suam absolute considerata bona sunt. Sic vult eleemosynam: & homini benefacere quatenus creatura ipsius est”. In: Disputationes privatae XIX, De variis voluntaris Dei distinctionibus. In: *Opera*, p. 359-360; *Obras*, vol. 2, p. 43.

²² “[...] pauperi pro facultatibus nihil largiatur”. In: Disputationes publicae VIII, Peccatis actualibus. In: *Opera*, p. 242; *Obras*, vol. 1. p. 440.

“aquele que deixa de dar esmolas aos pobres peca ao omitir um ato prescrito”²³. Todavia, Armínio também se preocupa com as pessoas que querem ajudar os pobres com a motivação errada. Nesse sentido, ele destaca que, “aquele que ajuda os pobres para que seja visto pelos homens, peca por omitir a causa devida e o [verdadeiro] propósito da doação”²⁴. Armínio acrescenta que alguém até pode ajudar os pobres e dar esmolas. Contudo, também é preciso estar sensível à motivação. Nesse caso, a boa ação (*actus bonus*) “é realizada de maneira inadequada, pois dá esmolas aos pobres por ambição e pomposidade, para que seja visto pelos homens, a fim de que possa parecer generoso, amigo dos pobres e religioso”²⁵. Armínio reconhece a ortodoxia (doutrina correta) da esmola aos pobres. Contudo, destaca que não basta sua ortopraxia (prática correta), é preciso haver ortopatia (sentimento / motivação correta). A prática correta sendo realizada com a motivação incorreta anula o ato, pois as boas obras não são um fim em si mesmas.

Na prática, Armínio parece ter se esforçado para viver o que ensinava. Não temos muitos detalhes biográficos que destacam suas obras, contudo, alguns tópicos narrados por ele mesmo podem nos ajudar a vislumbrar seu empenho pastoral no cuidado dos vulneráveis. Desde o final do século XVI (por volta de 1599), uma epidemia de peste bubônica vinha atingindo a Europa. A Espanha perdeu cerca de 10% de sua população²⁶. Amsterdam perdeu quase dez mil pessoas em 1602, totalizando quase 15% dos moradores, sendo a esmagadora maioria dos estamentos mais pobres²⁷. Israel explica que essas “epidemias atingiram todos os lugares, mas tendiam a ser mais virulentas nas condições superlotadas e insalubres que prevaleciam nos bairros mais pobres das grandes cidades”²⁸. Esse alto índice de mortandade levou várias pessoas a se mudarem da cidade. Armínio orientava seu rebanho para tomar cuidado com tais fugas, pois era mais fácil que ficassem desamparados pelas estradas e longe da família e amigos. Maronier conta que, nesse ínterim, Armínio “fez o que pôde, em público e em segredo, para consolar os que choram. Mas não só isso; sem medo de contaminação, ele visitou os doentes e moribundos, tanto os pobres como os ricos”²⁹. Não é verdade que Armínio não tenha tido medo de ser contaminado. Ele tinha sim seus receios. É possível que Maronier quisesse ressaltar mais o lado corajoso do pastor neerlandês. Na prática, Armínio tinha receio de que, se fosse afetado pela “praga”, deixasse sua família desamparada. Ele abre o coração a seu amigo Wtenbogaert:

Quando esse mal fatal começou a se espalhar, a princípio, e começou a fazer enormes pilhas de morte, o pensamento acerca de [minha] esposa e filhos afetou não pouco a [minha] mente, pois considerei quão pequena era a herança que eu iria deixar. Contudo, eu venci esta

²³ “Omittit quis subvenire pauperi eleemofynas peccat omittendo actum praescriptum”. In: Examen modestum libelli Perkinsiani. In: *Opera*, p. 721; *Obras*, vol. 3, p. 403.

²⁴ “[...] subvenit quis pauperi, ut appareat hominibus peccat omittendo debitam causam & finem praestationis”. In: Examen modestum libelli Perkinsiani. In: *Opera*, p. 721; *Obras*, vol. 3, p. 403.

²⁵ “[...] non recte praestatur, ut, quando eleemosyna datur pauperi ex ambitione, & surperbia, ut videatur hominibus liberalis & pauperum amans, quin & religiosus qui illam largitur”. In: Examen modestum libelli Perkinsiani. In: *Opera*, p. 731; *Obras*, vol. 3, p. 417-418.

²⁶ PARKER, Geoffrey. *The Dutch Revolt*. London: Pelican Books, 1985. p. 235.

²⁷ ISRAEL, Jonathan. *The Dutch Republic: It's rise, greatness and fall – 1477-1806*. New York: Oxford University Press, 1995. p. 329.

²⁸ ISRAEL, 1895, p. 329.

²⁹ “[...] deed, wat hij kon, in het openbaar en in het verborgen, om de treurenden te troosten. Maar dat niet alleen; zonder eenige vrees voor besmetting, bezocht hij de zieken en stervenden, armen zoowel als rijken”. In: MARONIER, Hendrik Jan. *Jacobus Arminius: een biografie*. Amsterdam: Y. Rogge, 1905. p. 118.

tentação pelo favor de Deus, e não duvido que eles serão muito bem cuidados pelo Senhor Deus, o Pai das viúvas e dos órfãos³⁰.

Armínio atribuía sua sobrevivência (bem como a dos demais) ao favor de Deus: “A graça divina nos manteve ilesos dele até agora”³¹. Também entendia que o apoio comunitário e fraterno era essencial para se manter saudável: “Estou absolutamente convencido de que, até agora, e, acima de tudo, pelas suas orações e as de nossa igreja, temos permanecido imunes àquela terrível praga”³². Ele mesmo especifica que orava pelos membros de sua paróquia e pela nação: “Nós, nesse meio tempo, não deixamos de derramar nossas orações ardentes a Deus pela segurança da república”³³. E acrescenta que pregava para apoiar os paroquianos e os vulneráveis, trazendo alento para suas almas: “[...] exortamos as pessoas a orações e uma séria melhoria de suas vidas, e refrescamos os fracos de coração com sermões consoladores; às consciências aterrorizadas, acrescentamos a lembrança das promessas divinas”³⁴. Armínio dá atenção especial, em suas preocupações, com os menos favorecidos, que estavam sujeitos a maior condição de vulnerabilidade e, por isso, deseja “que a salvação de viúvas e órfãos grandemente afligidos possam ser realizadas o mais rápido possível pelo Senhor Deus”³⁵.

O pastor da *Oudekerk* sabia que muitas pessoas viviam em condições duvidosas de moralidade. Seus sermões, como vimos, chamavam ao conserto. Havia pessoas que temiam o juízo divino no porvir escatológico. Isso as atormentava. Armínio relata essa condição “tanto aos amigos como aos mais próximos” e assevera o “grande obstáculo [...] para fortalecer suas mentes contra o medo da morte, e aos enfermos, que, sobrecarregados com o fardo dos pecados, dificilmente ousam depositar esperança em Deus por meio de Cristo”³⁶. Maronier conta que, “Certa vez, ele [Armínio] passou por uma favela e ouviu os gritos dos sofredores de uma casa densamente povoada. Disseram-lhe que uma família inteira fora afetada pela terrível doença”. Apesar de ninguém entrar naquele lar para socorrer aquela família, “ele fez isso sozinho e refrescou os sofredores de corpo e alma”³⁷. Armínio relata dois casos em que pôde ser útil no cuidado de vulneráveis que estavam muito doentes:

Devo dizer-lhe o que me aconteceu duas vezes nos últimos dias: primeiro com uma mulher que sofria de febre pestilenta, depois com um homem que sofria de uma doença muito grave; ambos são membros de nossa Igreja, pessoas de boa vida e reputação, e que considero

³⁰ “Quum primum exitiabile malum grassari circum circa, & ingentes funerum acervos facere inciperet, non parum afficiebat animum cogitatio de uxore & liberis; considerabam enim quam exiguam hæreditatem essem relicturus. At superavi Dei beneficio istam tentationem, & Domino Deo Patri viduarum & pupillorum llos quam commendatissimos fore non dubito”. In: *Ep. Ecc.* 56, datada de 1 de outubro de 1602.

³¹ “[...] hactenus indemnes nos præstitit gratia divina”. In: *Ep. Ecc.* 55, datada de 17 de agosto de 1602.

³² “Nam omnino mihi persuadeo, me hucusque tuis potissimum & Ecclesiæ nostræ precibus immunem ab ista dira & graviter grassante lue perstitisse”. In: *Ep. Ecc.* 56

³³ “Nos interea non negligimus pro salute reipublicæ ardentes ad Deum preces fundere”. In: *Ep. Ecc.* 55.

³⁴ “[...] populum ad preces & vitæ seriam emendationem adhortamur, pusillanimes concionibus consolatoriis reficimus, perterrefactis conscientis animos addimus commemoratione promissionum divinarum”. In: *Ep. Ecc.* 55.

³⁵ “[...] patriæ nostræ Domino Deo Patri viduarum & pupillorum vehementer afflictæ salutem quam citissime debellari queat”. In: *Ep. Ecc.* 55.

³⁶ “[...] tum amicis & propinquis [...] gravia officia [...] ad animos illorum contra metum mortis confirmandos, tum ægotis qui peccatorum onere prægravati in Deum per Christum spem ponere vix audent”. In: *Ep. Ecc.* 56.

³⁷ “Eens ging hij door een achterbuurt en hoorde uit een dichtbevolkte woning de jammerkreten der lijdenden. Men zeide hem, dat een geheel gezin door de vreeselijke ziekte was aangetast. [...] Toen deed hij het zelf en verkwikte de lijdens naar lichaam en ziel”. In: MARONIER, 1905. p. 118-119.

[em minha opinião] verdadeiros cristãos. Ela era muito cortês e bem familiarizada – acima do [comum para o] seu sexo – com assuntos das coisas sagradas; e ele era tão habilidoso nesses assuntos, que era considerado apto até mesmo para confortar os outros. Eles eram desconhecidos um do outro, o que eu acrescento, portanto, para que você não pense que um foi levado a essas tentações pelo exemplo do outro. Ambos começaram a ficar muito angustiados em suas mentes, porque não percebiam em seus corações a certeza do perdão dos pecados e a fala do Espírito Santo – especialmente naquele momento, em que o consideravam isso o mais necessário possível. Eles realmente haviam se esforçado para levantarem em seus corações [esses sentimentos], se por acaso estivessem enterrados, por meio de sérias meditações da palavra de Deus e por meio de suas orações; mas isso não passava de obras vãs e esforços malsucedidos. Ela explodia abundantemente em lágrimas e ele fervia de dor por dentro; nenhum deles, porém, se desesperava, mas se afligia com mais veemência por conta das questões já mencionadas. Eu, em minha mente, para confessar a verdade, ouvi ambos com tristeza e séria compaixão; [também] me esforcei para aplicar algum remédio para nessa tentação, e em ambos consegui ter sucesso³⁸.

Na mesma época da epidemia, a esposa de Armínio enfrentou alguma dificuldade com sua saúde. É incerto o que ela tinha. O que sabemos é que ela sentia dores nos seios. Por meio de alguma habilidade (talvez popular, cultural ou particular), a esposa de Wtenbogaert conhecia algum medicamento / tratamento. Armínio e sua esposa agradecem pelo remédio, que tudo indica ser caseiro, e lamenta que tal habilidade seja restrita à esposa de Wtenbogaert. Não sabemos a razão de tal restrição. Contudo, é interessante a motivação do lamento de Armínio. De acordo com ele, “essa habilidade poderia alimentar os pobres, cujo valor do seu trabalho e esforço poderia erguer os necessitados”³⁹. Tendo em vista a utilidade desse medicamento às mulheres, em geral, especialmente as mais pobres e vulneráveis, Armínio ainda insiste com seu amigo: “Incentive, portanto, a sua esposa, para que não deixe essa habilidade tão necessária morrer consigo mesma. Se ela não deseja compartilhar enquanto estiver viva, que ao menos deixe um documento quando partir desta vida”⁴⁰.

Finalmente, Armínio esboça sua preocupação com os vulneráveis no que tange a pautas como liberdade de consciência, concórdia e paz. Esses temas foram discutidos por ele de maneira ampla em seu corpus textual, num contexto de confessionalização das igrejas protestantes, em que não era possível haver liberdade de escolha quanto às questões doutrinárias em muitos lugares. A Paz de Augsburg (1555) havia estabelecido o princípio “*cuius regio, eius religio*” (cujo reino, sua religião), dando liberdade limitada aos reinos do Sacro Império Romano Germânico

³⁸ “Necesse habeo tibi narrare quid hisce diebus bis mihi acciderit, primo apud foeminam pestilentiali febre, inde apud virum gravissima peste laborantem, ambos Ecclesiae nostrae membra, probae vitae & integrae famae homines, & ut ego existimo verè Christianos. Illa judiciosa admodum & rerum sacrarum supra sexum gnara, ille earumdem eousque peritus ut aliis etiam solandis idoneus iudicatus fuerit, neuter alteri notus; quod ideo addo, ne alterum alterius exemplo traductum putes in istas tentationes. Ambo vehementer angi coeperunt animo, quod certitudinem remissionis peccatorum, & alloquium Spiritus Sancti in cordibus suis non persentiscerent, isto praesertim tempore, quo quam maxime id necessarium arbitrabantur. Conatos quidem fuisse meditatione seriae verbi Dei & precibus illa, si fors sepulta laterent in cordibus, exsuscitare, at inani opera & successu casso. Illa in lachrymas ubertim erupit, hic intus dolorem coquebat; neuter tamen desperabat, sed vehementissime astligebantur ista quam dixi de causa. Ego animo, ut verum fatear, tristi, & seriae commiseratione tactus utrumque audivi, & remedium isti tentationi adhibere conatus sum tale, & utrunque successit”. In: *Ep. Ecc.* 56.

³⁹ “[...] illa ars pauperulam alere posset, quae pretium suae industriae & operae statuere vellet indigentibus”. In: *Ep. Ecc.* 53, datada de 26 de maio de 1600.

⁴⁰ “Quare hortare uxorem, ut ne patiatum secum intermori artem tam necessariam: si nolet communicare dum vivit, saltem scriptum relinquat ex hac vita discedens”. In: *Ep. Ecc.* 53.

para a escolha de uma religião oficial, que nesse caso poderia ser a católica ou a luterana. Nesse sentido, quando um rei decidisse sua religião, os súditos deveriam seguir a mesma. Nos Países Baixos de Armínio, a oficialização religiosa se deu no sínodo de Emden (1571), com a autopromulgação da Igreja Reformada da Holanda. Uma religião oficial implicava numa confissão de fé oficial e isso desrespeitava a liberdade de consciência das pessoas, coagindo-as à crença maior. Guilherme de Orange até tentou amenizar essa questão no início da República Holandesa quando instituiu a Pacificação de Ghent, em 8 de novembro de 1576, concedendo tolerância⁴¹ para a coexistência católica. Contudo, nem sempre os reformados respeitavam essa lei e as controvérsias e querelas religiosas perduraram por muito tempo⁴².

Devido à confessionalização, havia um clima austero nos Países Baixos, muitas vezes. Armínio mesmo experimentou dessa tensão ao ser levado perante o tribunal eclesiástico algumas vezes, a fim de esclarecer pontos doutrinários que foram questionados por interlocutores. Púlpitos e salas de aula experimentavam essa hostilidade em diversas ocasiões. No entanto, Armínio seguia as ideias de alguns humanistas (e.g., Erasmo de Rotterdam, Sébastien Castellio e Dirck Coornhert) em favor da liberdade de consciência, da concórdia e do irenismo (paz). Num texto direcionado aos Estados Gerais, ele criticou veementemente a coerção de consciência e afirmou: “não sou daqueles que possuem domínio sobre a fé de outro homem”⁴³. Ao invés de os púlpitos serem usados para perseguição religiosa – vale lembrar que isso se dava aos católicos, menonitas, anabatistas e outros grupos minoritários –, Armínio dizia: “Que os sermões sejam direcionados ao afeto da verdade, à caridade, à misericórdia, à longanimidade, à concórdia e ao estudo apropriado; que eles inflamem o desejo de pacificação nas almas do Príncipe e do povo”⁴⁴. Em sua opinião, esse é o “remédio [...] mais adequado para remover as dissensões”⁴⁵.

O cuidado dos vulneráveis em John Wesley

Em Armínio, o tema do cuidado dos vulneráveis é mais indireto, como vimos. Mesmo assim, encontramos diversas fundamentações em seus textos, além do fato de que ele exerceu essas atividades durante sua vida, especialmente em seu pastorado. Wesley, em contrapartida, viveu numa época diferente, em que a preocupação com os vulneráveis era mais explícita devido aos progressismos Iluministas. A preocupação de Wesley para com os vulneráveis pode ser identificada já em sua juventude, nos anos estudantis em que passava na Universidade de Oxford. Por ocasião do Clube Santo – iniciativa que rendeu ao grupo o apelido pejorativo de “metodistas” –, Wesley estava sempre engajado com visitas aos menos favorecidos e marginalizados,

⁴¹ “Tolerância”, aqui, não é usada no sentido moderno do século XVIII e sim significando autocontenção ou indulgência, como no Direito Canônico do século XII em diante. Mais informações em COUTO, 2022. p. 258-276.

⁴² Para as ideias de Guilherme de Orange em torno da liberdade de consciência, a pacificação de Ghent e as ações intolerantes dos reformados, veja COUTO, 2022. p. 158-169, 318-326.

⁴³ “[...] cum non sim qui alterius fidei dominer”. In: *Declaratio Sententiae*. In: *Opera*, p. 133; *Obras*, vol. 1, p. 249-250.

⁴⁴ “[...] conciones habeantur ad veritatis, caritatis, misericordie, longanimitatis, concordia affectum & stucium accommodatæ, quibus Principum & Populorum animi desiderio pacificandi incensi”. In: *Oratio V, De componendo dissidio religionis inter Christianos*. In: *Opera*, p. 87; *Obras*, vol. 1. p. 168.

⁴⁵ “[...] remedium illudquod, tollendis diſſidis est opportunissimum”. In: *Oratio V, De componendo dissidio religionis inter Christianos*. In: *Opera*, p. 87; *Obras*, vol. 1. p. 168.

indo até creches, hospitais, orfanatos e presídios⁴⁶. Apesar de fartas fontes historiográficas desse trabalho, priorizaremos aqui o seu sermão, identificando suas falas, preocupações e orientações *com os e acerca dos* necessitados.

Começamos pelo discurso de Jesus que ficou conhecido como “Sermão do Monte”. Em homilia homônima⁴⁷, numerada como #22, Wesley destaca a importância da justiça, abrindo para a prática da mesma na sociedade. No sermão de Jesus, foi dito que, aqueles que “têm fome e sede de justiça [são bem-aventurados, pois] serão saciados” (Mt 5:6). A palavra “justiça” ali, é δικαιοσύνην (*dikaioynēn*), cujo significado tem a ver com integridade, virtude, pureza de vida, pensamento, sentimento e ação corretos (que poderíamos relacionar com “ortopatia” e “ortopraxia”). Para Wesley, tal “justiça” do discurso de Jesus nada mais é do que “retidão”, e faz parte do conceito de imagem de Deus, sendo “a mente que estava em Cristo Jesus. É todo temperamento santo e celestial em um, brotando e terminando no amor de Deus, como nosso Pai e Redentor, e o amor de todos os homens por causa dele”⁴⁸.

No mesmo discurso, Jesus disse que bem-aventurados são os que têm fome (πεινῶντες – *peinōntes*) e sede (διψῶντες – *dipsōntes*). Fome, naquele contexto, tem a ver com estar faminto, passar necessidade, estar paupérrimo. É uma metáfora sobre desejar ardentemente, buscar com desejo impetuoso. “Sede”, por sua vez, tem a ver com “sofrer de sede”. Figurativamente, tem a ver com aqueles que, sedentos, sentem dolorosa necessidade de água. Wesley disse que “esses apetites não cessam, mas são cada vez mais ávidos e importunos, até que comamos e bebamos ou morramos”⁴⁹. Para Wesley, trata-se de fome e sede pela “justiça e verdadeira santidade”⁵⁰, o ardente desejo pela “inteira renovação [...] à imagem de Deus”⁵¹. É o viver a justiça, ou retidão, tanto verticalmente para Deus, como horizontalmente para com o próximo, rompendo com a religião de forma, de exterioridade, em busca da religião mais elevada e profunda.

Ao terminar as bem-aventuranças, Jesus compara seus seguidores com dois elementos: sal (ἅλας – *halas*) e luz (φῶς – *phōs*). O sal é um símbolo de acordo durável, porque protege os alimentos da putrefação e preserva-os sem alteração. Luz, por sua vez, deriva de uma forma arcaica φάω (*phao*) (brilhar ou tornar manifesto, especialmente por emitir raios). Nessa fala de Jesus, Luz é usada como uma metáfora para as boas obras: “Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras, e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus” (Mt 5:16). Comentando essa dupla simbologia usada por Jesus, Wesley explicou, no sermão #24, que “o cristianismo é essencialmente uma religião social; e transformá-la numa [religião] solitária é destruí-la”⁵². Ao chamar o cristianismo de uma religião social, Wesley quis dizer que ela “não poderia subsistir de forma alguma sem a sociedade”, isto é, “sem viver e

⁴⁶ Os detalhes dos trabalhos sociais de Wesley no período do Clube Santo podem ser vistos em HEITZENRATER, Richard P. *Wesley e o povo chamado metodista*. São Bernardo do Campo / Rio de Janeiro: Editeo / Pastoral Bennet, 1996.

⁴⁷ Wesley escreveu 13 partes desse sermão. Eles estão numerados entre #21 e #33.

⁴⁸ WESLEY, John. Sermon 22 – Upon Our Lord’s Sermon on the Mount: Discourse Two. In: _____. *The Works of John Wesley*, vol. 1 – Bicentennial Edition. [Editor: Albert C. Outler]. Nashville: Abingdom Press, 1984. p. 495 (II, 2).

⁴⁹ Sermon 22 – Upon Our Lord’s Sermon on the Mount: Discourse. In: WESLEY, 1984, vol. 1. p. 495-496 (II, §3).

⁵⁰ Sermon 22 – Upon Our Lord’s Sermon on the Mount: Discourse. In: WESLEY, 1984, vol. 1. p. 497 (II, §5).

⁵¹ Sermon 22 – Upon Our Lord’s Sermon on the Mount: Discourse. In: WESLEY, 1984, vol. 1. p. 498 (II, §6).

⁵² WESLEY, John. Sermon 24 – Upon Our Lord’s Sermon on the Mount: Discourse Four. In: _____. *The Works of John Wesley*, vol. 1 – Bicentennial Edition. [Editor: Albert C. Outler]. Nashville: Abingdom Press, 1984. p. 533 (§5 – introdução).

conversar com outros homens”⁵³. Uma religião social não admite o que ele chama de “cristãos solitários”, ou seja, pessoas que vivem isoladas da sociedade a fim de buscar uma santificação monástica ou uma espiritualidade individualista. Por essa razão, “cristão solitário” é uma “contradição de termos”, não sendo possível porque até mesmo a santidade é social⁵⁴. Por isso, ele perguntou: “Um cristão solitário [...] pode ser um homem misericordioso, isto é, alguém que aproveita todas as oportunidades para fazer todo o bem a todos os homens?”⁵⁵. Como ser luz (praticar as boas obras) vivendo isolado da sociedade?

Tais boas obras eram obras de justiça e que desembocavam numa santidade prática e social. Um cristão não poderia fechar os olhos para as mazelas e injustiças sociais, mesmo que tais injustiças fossem legais. Um exemplo disso é a crítica levantada às pessoas que queriam justificar o escravagismo:

A grande alegação é esta: “Isto é autorizado pela lei”. Contudo, poderá a lei, a lei humana, mudar a natureza das coisas? Poderá ela transformar trevas em luz, maldade em bondade? De forma alguma. Não obstante a força de dez mil leis, o que é certo é certo e o que é errado é errado. Haverá uma diferença essencial entre **justiça** e injustiça, crueldade e **misericórdia**. Logo, eu pergunto novamente: quem haverá de reconciliar o tratamento dado aos negros com alguma noção de misericórdia e justiça?⁵⁶

É possível perceber a ênfase de Wesley no fato de que a justiça precisa ser central, ainda que isso contrarie as leis vigentes. Deste modo, a lei precisa ser mudada para se adequar à retidão, à justiça. Mesmo sendo patriota, “a teologia prática de Wesley [...] lhe obrigava a colocar seu próprio patriotismo sob o juízo do que Deus está fazendo pelo mundo”⁵⁷. Um exemplo disso pode ser constatado no sermão #61, *O mistério da iniquidade*, quando ele expôs o mau comportamento dos “cristãos” ingleses que estavam atuando na região da Índia a serviço da coroa britânica. Ao invés de darem bom testemunho entre os hindus, eles estavam “desolando regiões inteiras e entupindo os rios com corpos mortos”⁵⁸. Por isso, ele comenta sobre a coexistência das duas etnias e pergunta reflexivamente: “Quem tem mais justiça, misericórdia e verdade? Os cristãos ou os pagãos? Quem são mais corruptos, infernais, diabólicos, em seus temperamentos e práticas? Os ingleses ou os hindus?”⁵⁹

A mudança, entretanto, não deveria ser apenas legislativa, mas até mesmo em outras esferas, neste caso, econômicas e trabalhistas. González explicou isso ao dizer que havia pessoas que queriam justificar a escravidão “por razões econômicas, porque sem ela a indústria e o comércio sofreriam”⁶⁰. Wesley, entretanto, alegou que: “melhor nenhum negócio do que negócio feito através de maldade”, pois “é muito melhor não ter nenhuma riqueza do que adquirir

⁵³ Sermon 24 – Upon Our Lord’s Sermon on the Mount: Discourse. In: WESLEY, 1984, vol. 1. p. 534 (I, §1).

⁵⁴ Sermon 24 – Upon Our Lord’s Sermon on the Mount: Discourse. In: WESLEY, 1984, vol. 1. p. 535 (I, §4).

⁵⁵ Sermon 24 – Upon Our Lord’s Sermon on the Mount: Discourse. In: WESLEY, 1984, vol. 1. p. 535 (I, §4).

⁵⁶ WESLEY, Jhon. Pensamentos sobre a escravidão. In: RENDERS, Helmut. *John Wesley e a luta abolicionista*. Com edição bilingue dos seus *Pensamentos sobre a escravidão* e de seis cartas para abolicionistas, traduzidas e revisadas por Filipe Maia. São Paulo: ASTE, 2019. p. 125 (IV, §2). Negritos do texto.

⁵⁷ GONZÁLEZ, Justo. *Juan Wesley: desafios para nuestro siglo*. Buenos Aires: Cátedra Carnahan, 2003. p. 55.

⁵⁸ WESLEY, John. Sermon 61 – The Mystery of Iniquity. In: _____. *The Works of John Wesley*, vol. 2 – Bicentennial Edition. [Editor: Albert C. Outler]. Nashville: Abingdom Press, 1985. p. 468 (§33).

⁵⁹ Sermon 61 – The Mystery of Iniquity. In: WESLEY, 1985, vol. 2, p. 468 (§33).

⁶⁰ GONZÁLEZ, 2003, p. 53.

riqueza à custa da virtude. Melhor seria pobreza honesta que todas as riquezas trazidas pelas lágrimas, suor e sangue de nossas criaturas irmãs⁶¹.

Wesley entendia que “rico” não se trata exatamente de pessoas que possuem amontoados de ouro e prata. Ele explica no sermão #108, *Sobre as riquezas*, que as pessoas ricas são aquelas que possuem “mais do que as necessidades e conveniências da vida”, isto é, aqueles que “têm comida e roupas suficientes para si e sua família, e algo mais”⁶². Ele baseava esse conceito na maneira como o apóstolo Paulo falou sobre a importância de a comunidade cristã se contentar em possuir as necessidades básicas, representadas pela comida e vestimenta, pois os que desejam se enriquecer caem em diversas situações negativas e submergem na ruína e perdição (cf. 1 Tm 6:8,9). Wesley explicou – no sermão #87, *O perigo das riquezas* – que o conselho paulino não era contra enriquecimento ilícito, mas contra o próprio desejo de enriquecimento, isto é, de acumular posses que transcendam o necessário e o conveniente, cujo esforço é destinado para viver de maneira supérflua⁶³.

Não se deve pensar, a partir destes excertos, que o teólogo britânico fosse contrário aos ricos e/ou às riquezas. Na verdade, de acordo com ele, não é impossível que um cristão seja rico. Ele admite que a obra miraculosa de Cristo pode fazer com que alguém seja rico e utilize os recursos de maneira responsável e para a glória de Deus, de modo que “tenha a mente de Cristo e ande como Ele andou”⁶⁴. Sua preocupação girava em torno do fato de que os patrimônios dos ricos (casa ampla, mobílias, carros, roupas e diversas espécimes de luxo) configuram “uma tendência quase irresistível de fazê-los pensar que são homens melhores do que aqueles que não têm essas vantagens”⁶⁵.

Na verdade, o problema, para Wesley, não é a riqueza em si, mas o mau uso dela, pois como disse o apóstolo Paulo na perícopie anterior, “o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males”. O dinheiro, portanto, pode ser usado para fazer coisas boas ou ruins. Depende de como é administrado. De acordo com Wesley – no sermão #50, *O uso do dinheiro* –, o dinheiro “é completamente aplicável tanto aos melhores, como aos piores usos. É um serviço indescritível para todas as nações civilizadas, em todos os assuntos comuns da vida”⁶⁶. Se o dinheiro for bem utilizado, promove “comida para o faminto, bebida para o sedento, vestimenta para o nu; dá ao viajante e ao estrangeiro onde reclinar a cabeça”⁶⁷. Através dele, “podemos substituir o marido à viúva e o pai ao órfão. Talvez sejamos uma defesa para os oprimidos, um meio de saúde para os enfermos, um alívio para os que sofrem”, podendo “ser como olhos para o cego, como pés para o coxo; sim, um levantador dos portões da morte”⁶⁸.

Depois de ler estas colocações fica mais fácil compreender o porquê das preocupações de Wesley para com os perigos da riqueza. Ao invés de usá-la egoísta e iniquamente, deveria ser em prol dos necessitados, dos vulneráveis. Essa opção pelos pobres era uma marca distintiva

⁶¹ WESLEY, 2019, p. 137 (IV, §7).

⁶² WESLEY, John. Sermon 108 – On Riches. In: _____. *The Works of John Wesley*, vol. 3 – Bicentennial Edition. [Editor: Albert C. Outler]. Nashville: Abingdom Press, 1986. p. 520 (§4 – introdução).

⁶³ WESLEY, John. Sermon 87 – The Danger of Riches. In: _____. *The Works of John Wesley*, vol. 3 – Bicentennial Edition. [Editor: Albert C. Outler]. Nashville: Abingdom Press, 1986, p. 228-230 (§§1-4 – introdução).

⁶⁴ Sermon 108 – On Riches. In: WESLEY, 1986, vol. 3, p. 520 (§4 – introdução).

⁶⁵ Sermon 108 – On Riches. In: WESLEY, 1986, vol. 3, p. 526 (II, §5).

⁶⁶ WESLEY, John. Sermon 50 – The Use of Money. In: _____. *The Works of John Wesley*, vol. 2 – Bicentennial Edition. [Editor: Albert C. Outler]. Nashville: Abingdom Press, 1985. p. 269-270 (§2 – introdução).

⁶⁷ Sermon 50 – The Use of Money. In: WESLEY, 1985, vol. 2, p. 269-270 (§2 – introdução).

⁶⁸ Sermon 50 – The Use of Money. In: WESLEY, 1985, vol. 2, p. 269-270 (§2 – introdução).

do metodismo, tanto que Meeks afirmou que o “reavivamento metodista começou entre, com, para e por meio do pobre”⁶⁹. Deste modo, vale ressaltar que a real preocupação de Wesley dizia respeito à retidão social, a uma economia justa, ao uso equilibrado dos recursos humanos e materiais. Uma forma de conseguir equilibrar isso tudo foi proposta em seu sermão #50, no qual Wesley trabalhou a partir da seguinte ideia: “Ganhe o máximo que puder, economize o máximo que você puder e doe o máximo que você puder”⁷⁰.

Ganhar o máximo que se pudesse, envolvia ações lícitas, mas não necessariamente a qualquer custo. Deste modo, “o trabalhador pode se esforçar para conseguir obter seu recurso financeiro e material, contudo, isso deveria ser feito de maneira modesta, visto que o excesso de trabalho poderia prejudicar a saúde”⁷¹. De acordo com o clérigo anglicano, “devemos ganhar tudo o que pudermos [...]. Mas isso é certo que não devemos fazer: não devemos ganhar dinheiro à custa da vida, nem (o que na verdade é a mesma coisa) à custa da nossa saúde”⁷². Deste modo, trabalhos insalubres, “como aqueles que implicam lidar muito com arsênico ou outros minerais igualmente prejudiciais, ou respirar um ar contaminado com vapores de chumbo derretido, que, aos poucos, destroem mesmo a estrutura mais firme”⁷³, precisam ser evitados, bem como aqueles “aqueles que requerem muitas horas para serem gastas escrevendo; especialmente se uma pessoa escreve sentada e se inclina sobre o estômago ou permanece muito tempo em uma postura desconfortável”⁷⁴.

Ganhar o máximo que puder, no pensamento wesleyano, portanto, não segue o fluxo da sociedade de mercado. As atividades laborais precisam ser analisadas cautelosamente, passando pelo crivo da razão e da experiência. Se a conclusão desta averiguação analítica “mostre ser destrutiva para a saúde ou a força, não podemos nos submeter [a tal trabalho], visto que ‘a vida é mais’ valiosa ‘do que a carne, e o corpo do que a roupa’”⁷⁵. Outra fala que segue na contramão da sociedade de mercado está em seu ensino de que se os cristãos já estão “envolvidos em tal emprego, devemos trocá-lo o mais rápido possível por algum que, embora diminua nosso ganho, não diminua nossa saúde”⁷⁶.

De acordo com Couto, “isso se dava porque no pensamento de Wesley, a saúde era algo que fazia parte da mordomia cristã do dom da vida. O ser humano precisa cuidar do corpo, da mente” e, por conseguinte, “da saúde, pois são dádivas de Deus para que o ser humano possa viver nesta terra e conviver com as pessoas ao redor”⁷⁷. Deste modo, “deixar de cuidar desses elementos é deixar de se preocupar com a mordomia do corpo, isto é, do templo do Espírito Santo”.⁷⁸ Neste sentido, Wesley declarou – no sermão #51, *O bom mordomo* – que Deus encarregou as pessoas com diversos talentos, “tais como força física, saúde, uma personalidade prazerosa, um trato agradável, além de aprendizado e conhecimento, em seus vários níveis, com

⁶⁹ MEEKS, M. Douglas. *Economia global & economia de Deus*. São Bernardo do Campo: Editeo, 2001. p. 42.

⁷⁰ Sermon 50 – The Use of Money. In: WESLEY, 1985, vol. 2, p. 277 (III, §1).

⁷¹ COUTO, Vinicius. *Fé x Obras: ortodoxia e ortopraxia na teologia de John Wesley*. São Paulo: Reflexão, 2018. p. 130.

⁷² Sermon 50 – The Use of Money. In: WESLEY, 1985, vol. 2, p. 269 (I, §1).

⁷³ Sermon 50 – The Use of Money. In: WESLEY, 1985, vol. 2, p. 269 (I, §1).

⁷⁴ Sermon 50 – The Use of Money. In: WESLEY, 1985, vol. 2, p. 269 (I, §1).

⁷⁵ Sermon 50 – The Use of Money. In: WESLEY, 1985, vol. 2, p. 269 (I, §1).

⁷⁶ Sermon 50 – The Use of Money. In: WESLEY, 1985, vol. 2, p. 269 (I, §1).

⁷⁷ COUTO, 2018, p. 131.

⁷⁸ COUTO, 2018, p. 131.

todas as outras vantagens da educação”⁷⁹. O cuidado destes dons divinos deveria ser realizado numa mordomia responsável, haja vista que “Teu Senhor irá inquirir, mais adiante: [...] Empregaste tua saúde e força, não em loucura ou pecado?”⁸⁰

Como se pôde perceber, “ganhar o máximo que puder” *não é um conselho para que isso seja feito a qualquer preço. Se por um lado o trabalhador não deve prejudicar a si mesmo, por outro, não deve, igualmente, “prejudicar nosso próximo”*⁸¹. “Prejudicar”, nesse caso, pode dizer respeito a duas situações. A primeira delas é: não “podemos ganhar [o máximo que pudermos], prejudicando nosso próximo em seu corpo”⁸². Esse princípio envolve não submeter as pessoas a trabalhos indignos e insalubres, bem como não “vender coisa alguma que tenda a prejudicar a saúde [das pessoas]. Tal como são, eminentemente, todos aqueles líquidos inflamáveis, comumente chamados de bebida alcoólica, ou líquidos espirituosos”⁸³. A segunda implicação de não “prejudicar” o próximo diz respeito a expertises, fraudes e qualquer tipo de situação que gere lucro desonesto. As transações comerciais precisam seguir um caminho chamado, na gestão comercial, de *relacionamento ganha-ganha*, isto é, uma forma de negociação em que ambas as partes sejam beneficiadas por um preço justo, que não dê prejuízo financeiro ao comerciante e tampouco seja oneroso para quem está comprando o produto. Além da relação compra-venda, o *relacionamento ganha-ganha* também leva em consideração a produtividade, a eficácia, a maximização da aplicação dos recursos humanos, materiais e financeiros, as condições ergonômicas de trabalho, os salários e benefícios, o progresso profissional, a redução de custos, etc.⁸⁴. De acordo com Wesley:

Não podemos, de acordo com nosso amor fraternal, vender nossos produtos abaixo do preço de mercado; não podemos planejar arruinar o comércio do nosso próximo, com o objetivo de promover o nosso; muito menos podemos induzir ou receber algum de seus servos ou trabalhadores dos quais ele tem necessidade. Ninguém pode ganhar [o máximo que puder], tragando os bens materiais de seu próximo, sem ganhar a condenação do inferno!⁸⁵

“Economizar o máximo que puder” é a outra máxima wesleyana. Contudo, não se trata de guardar dinheiro no banco ou praticar o acúmulo de capitais. Ao invés de pensar em ter uma conta bancária cheia de dinheiro, González explica que a proposta de Wesley era de usar os recursos financeiros de maneira sábia, deixando de gastar com coisas supérfluas⁸⁶. Tais “gastos inúteis” eram oriundos “[d]o desejo da carne, [d]o desejo dos olhos ou o [d]orgulho da vida”⁸⁷, que Wesley comparou com um “epicurismo elegante”⁸⁸. Em outro sermão – #130, *Pecados e*

⁷⁹ WESLEY, John. Sermon 51 – The Good Steward. In: _____. *The Works of John Wesley*, vol. 2 – Bicentennial Edition. [Editor: Albert C. Outler]. Nashville: Abingdom Press, 1985. p. 286 (I, §8).

⁸⁰ Sermon 51 – The Good Steward. In: WESLEY, 1985, vol. 2, p. 296 (III, §6).

⁸¹ Sermon 50 – The Use of Money. In: WESLEY, 1985, vol. 2, p. 270 (I, §3).

⁸² Sermon 50 – The Use of Money. In: WESLEY, 1985, vol. 2, p. 271 (I, §4).

⁸³ Sermon 50 – The Use of Money. In: WESLEY, 1985, vol. 2, p. 271 (I, §4).

⁸⁴ CHIAVENATO, Idalberto. *Gestão de pessoas*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008. p. 5.

⁸⁵ Sermon 50 – The Use of Money. In: WESLEY, 1985, vol. 2, p. 270 (I, §3).

⁸⁶ GONZÁLEZ, 2003, p. 56.

⁸⁷ Sermon 50 – The Use of Money. In: WESLEY, 1985, vol. 2, p. 274 (II, §1).

⁸⁸ Sermon 50 – The Use of Money. In: WESLEY, 1985, vol. 2, p. 274 (II, §2). O epicurismo foi um sistema filosófico criado por Epicuro de Samos que defendia a busca pelo prazer imediato. O apóstolo Paulo parece ter feito uma crítica em forma de ironia sobre esse tipo de comportamento quando disse: “comamos e bebamos porque amanhã morreremos” (1 Co 15:32).

misérias nacionais –, Wesley criticou essa busca desenfreada e irresponsável pelo prazer de viver no luxo como sendo algo repugnante. De acordo com ele:

Existe um personagem mais desprezível do que o de um mentiroso? Talvez haja; por exemplo, um epicurista. E não somos uma geração de epicuristas? Não é nossa barriga nosso deus? Comer e beber não são nosso principal prazer, nossa maior felicidade? Não é o principal estudo (temo, o único estudo) de muitos homens honrados aumentar o prazer da degustação? Quando o luxo (não apenas em comida, mas em roupas, móveis, equipamentos etc.) foi levado a tal altura na Grã-Bretanha desde que era uma nação? Ultimamente, estendemos o império britânico quase ao redor do globo. Levamos nossos laureis para a África, para a Ásia, para os climas ardentes e gelados da América. E o que trouxemos de lá? Toda a elegância do vício que o mundo oriental ou ocidental podia pagar⁸⁹.

Wesley considerava este uso desregrado dos recursos financeiros como uma das causas da pobreza. A falta de trabalho também corroborava para esta situação⁹⁰. Meléndez, interpretando Wesley, entende que essa pobreza, entretanto, não era causada pela preguiça, mas pela comodidade e indiferença dos ricos⁹¹. De fato, encontramos Wesley criticando o uso supérfluo do dinheiro, ao lado do desejo desenfreado pelo enriquecimento, como as causas raízes que faziam com que a distribuição de renda fosse cada vez mais desigual⁹². Em suas *Reflexões sobre a presente escassez de alimentos*, Wesley fez a seguinte pergunta: “Por que a aveia está tão cara?”. A resposta, de acordo com ele, é “porque [...] há quatro vezes mais cavalos destinados às carruagens e carros particulares do que há alguns anos atrás”⁹³. O aumento do preço foi realizado para manter o alto padrão dos produtores, “pois, a menos que a aveia que agora é cultivada não seja quatro vezes mais [produzida e vendida] que a que foi cultivada antes, ela não pode ser vendida pelo mesmo preço”⁹⁴.

Tracy destaca que a alta taxa de mortalidade entre os mais pobres nos Oitocentos estava associada à má alimentação, que, conforme explicou um periódico do século XVIII, “a péssima dieta que os pobres estavam obrigados a se alimentarem” provocava a queda do sistema imunológico das pessoas e favorecia que eles contraíssem inúmeras doenças, como diversos tipos de gripe e febres muito altas, dentre outras⁹⁵. Deste modo, o luxo dos mais ricos fazia com que o princípio “ganhe o máximo que puder” fosse quebrado ao buscar o ganho às custas da integridade física de muitas pessoas que não teriam condições de se alimentar dignamente.

Outro fenômeno que corroborava para o aumento dos preços era o monopólio industrial. “Por que os porcos, pássaros e ovos são tão caros? Por causa da monopolização das fazendas, talvez o mais perigoso monopólio já introduzido nesses reinos”⁹⁶. A não intervenção do Estado

⁸⁹ WESLEY, John. Sermon 111 – National Sins and Miseries. In: _____. *The Works of John Wesley*, vol. 3 – Bicentennial Edition. [Editor: Albert C. Outler]. Nashville: Abingdom Press, 1986. p. 574 (II, §5).

⁹⁰ Sermon 111 – National Sins and Miseries. In: WESLEY, 1986, vol. 3, p. 568-569 (I, §1).

⁹¹ MELÉNDEZ, Frederico A. Ética y economía: el legado de Juan Wesley a la iglesia en América Latina. Buenos Aires: Kairós Ediciones, 2006. p. 77.

⁹² Cf. Sermões #87, 108, 126 e 130.

⁹³ Reflexiones sobre la presente escasez de alimentos. In: WESLEY, John. *Obras de Wesley*, vol. 7. [Editor: Justo González]. Henrico: Wesley Heritage Foundation, 1997. p. 93.

⁹⁴ Reflexiones sobre la presente escasez de alimentos. In: WESLEY, 1997, vol. 7. p. 93.

⁹⁵ TRACY, Wesley. Economic policies and judicial oppression as formative influences on the Theology of John Wesley. *Wesleyan Theological Journal*, v. 27, n. 1, 1992. p. 44.

⁹⁶ Reflexiones sobre la presente escasez de alimentos. In: WESLEY, 1997, vol. 7. p. 93.

nessa prática de monopólio fez com que “a terra, que há alguns anos era dividida entre dez ou vinte pequenos agricultores e que lhes permitia proporcionar conforto para suas famílias, agora fosse guardada por um único e importante agricultor”⁹⁷. Num modelo de gestão comercial *ganha-perde*, o latifundiário reduzia seu custo de produção explorando a mão de obra barata dos funcionários e ficava com a maior parte dos lucros vendendo os produtos pelo preço que queria, já que não havia concorrência. Por isso, Wesley explicou que a causa de toda essa desigualdade era o desejo desenfreado pelo enriquecimento que era motivado pela disposição dos empresários viverem no “luxo”, isto é, na extravagância⁹⁸, afinal, conforme atestou o Manquardt, “a ênfase pessoal em acumular riquezas e a injustiça social, são duas faces de uma mesma moeda”⁹⁹.

Além dos estamentos sociais mais pobres passarem muitas dificuldades para conseguirem comprar os alimentos que eram vendidos a preços altos, a Inglaterra ainda cobrava altos impostos dos cidadãos. A razão para tal tributação era oriunda da má gestão dos governantes, o que incluía salários altos, cargos desnecessários e corrupção. Wesley poderia, como patriota que era, ficar em silêncio quanto aos abusos da coroa. No entanto, ele fez questão de apontar que uma das formas de melhorar esse fardo tributário para a população era “cancelando qualquer pensão inútil, [...] especialmente aquelas pensões ridículas que são concedidas a centenas de pessoas inúteis, como os administradores de fortes e castelos; fortes que foram inúteis por mais de cem anos, exceto para abrigar torres e corvos”¹⁰⁰.

“Economizar o máximo que puder” diz respeito a que, afinal de contas? A usar os recursos de maneira responsável, cuidando das “coisas necessárias para si mesmo”, isto é, “comida para comer, roupas para vestir, qualquer coisa que a natureza requeira moderadamente para preservar o corpo com saúde e força”¹⁰¹ e estas mesmas coisas “para sua esposa, seus filhos, seus servos ou quaisquer outros que pertençam à sua família”¹⁰². Seguindo isso, deve-se, em seguida, “doar o máximo que puder”, começando pelos familiares da fé e, havendo oportunidade, a todos os demais seres humanos, especialmente aqueles que estão em situação de vulnerabilidade¹⁰³. Economizar para gerar patrimônios altos seria egoísmo e a economia proposta por Wesley desembocava no *telos* de ajudar as pessoas carentes, doando o máximo possível.

Considerações finais

O presente artigo se propôs a refletir e analisar as ideias da TAW sobre o cuidado dos vulneráveis. Foi preciso adentrar no pensamento de seus expoentes, Jacó Armínio e John Wesley. No primeiro caso, acreditamos que a pesquisa contribui para preencher uma lacuna, visto que essa perspectiva da teologia de Armínio ainda não havia sido explorada pelos estudiosos que têm se dedicado a pesquisar a vida e as obras desse teólogo neerlandês. Vimos que, embora ele não tenha escrito um tratado específico sobre o cuidado dos vulneráveis, o tema perpassa

⁹⁷ Reflexiones sobre la presente escasez de alimentos. In: WESLEY, 1997, vol. 7. p. 93.

⁹⁸ Reflexiones sobre la presente escasez de alimentos. In: WESLEY, 1997, vol. 7. p. 93.

⁹⁹ MANQUARDT, Manfred. *John Wesley's social ethics: practices and principles*. Nashville: Abingdon Press, 1992. p. 38.

¹⁰⁰ Reflexiones sobre la presente escasez de alimentos. In: WESLEY, 1997, vol. 7. p. 97.

¹⁰¹ Sermon 50 – The Use of Money. In: WESLEY, 1985, vol. 2, p. 277 (III, §3).

¹⁰² Sermon 50 – The Use of Money. In: WESLEY, 1985, vol. 2, p. 277 (III, §3).

¹⁰³ Sermon 50 – The Use of Money. In: WESLEY, 1985, vol. 2, p. 276-280 (III, §§1-7).

seu *corpus textual* em diversas ocasiões, começando pela maneira como pensa a respeito das boas obras. Armínio critica o antinomianismo com sua excessividade da negação das obras e apresenta um modelo soteriológico que prioriza a salvação sem mérito e esforço humano, mas que não é estático ao ponto de negar as boas obras. Ao invés disso, ele entende que os remidos são salvos para fazer tais obras e que tal prática serve como evidência externa da salvação e da união mística com Cristo. Boas obras, no entendimento de Armínio, estão vinculadas à prática da caridade, da esmola, do socorro aos necessitados.

O segundo ponto principal de sua abordagem sobre o tema envolve a própria práxis. Armínio percebe a necessidade de não desvincular a prática correta (ortopraxia) da motivação correta (ortopatía). Não basta apenas fazer. Afinal, as boas obras não são um fim em si mesmas. Outrossim, destacamos alguns exemplos ministeriais do período em que ele serviu como pastor da Igreja Reformada em Amsterdam, na *Oudekerk*. Sua prática ministerial provavelmente foi ofuscada pelas tantas obras que analisam seu ponto de vista teológico num viés apologético da doutrina da salvação, deixando sua pastoral de lado. Ao que parece, seu serviço pastoral era coerente com seu discurso e parecia estar de acordo com as diretivas de sua denominação, que em alguns sínodos definiu como os pastores deveriam lidar com as funções sociais, o que envolvia diretamente o trabalho com as pessoas em vulnerabilidade. Finalmente, é importante pensar na preocupação de Armínio com respeito aos vulneráveis a partir de sua ótica da liberdade de consciência, tema tão central em sua teologia e que, de certo modo, é uma espécie de fio condutor do seu pensamento. Armínio desejava a paz e a concórdia eclesiástica e isso certamente desembocaria no cuidado com os vulneráveis, especialmente das pessoas perseguidas em querelas religiosas.

Não menos importante é John Wesley. Contudo, sua dedicação para com o socorro dos aflitos, necessitados, desamparados e pobres (i.e., os vulneráveis de seus dias) já tem sido extensamente abordado em livros, artigos, dissertações e teses. Em alguns casos, até mesmo de maneira hagiológica. No entanto, destacamos aqui o envolvimento contínuo e incansável deste clérigo anglicano no século XVIII, que desde seus anos como estudante universitário até o final de sua vida, esteve engajado com as pautas sociais numa visão mais otimista da graça de Deus. É, aliás, nesse sentido, que Wesley é tanto um homem do seu tempo, como um continuador de ideias da escola arminiana, já que entende o poder da graça de Deus como transformadora no ser humano, visando a restauração da imagem de Deus, elemento axial em sua teologia e práxis. Amar a Deus só poderia ser realizado se, concomitantemente, a pessoa amasse ao próximo. O amor a Deus e ao próximo configuravam, em sua perspectiva, a verdadeira perfeição cristã e isso só pode ser praticado pelo ser humano por meio da graça, mediante a fé.

Referências

- ARMINII, Iacobi et ali. *Præstantium ac eruditorum virorum epistolæ ecclesiasticæ et theologice*, vol. 1. LIMBORCH, Philip van; HARTSOEKER, Christian (eds.). Amsterdam: Franciscus Halma, 1684.
- ARMINII, Iacobi. *Opera Theologica*. Leiden: Goderfridum Basson, 1629.
- ARMÍNIO, Jacó. *As Obras de Jacó Armínio*, 3 vols. [tradução: Degmar Ribas]. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

- CHIAVENATO, Idalberto. *Gestão de pessoas*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.
- COUTO, Vinicius. “*Não somos daqueles que dominam a fé dos outros*”: tolerância, irenismo e liberdade de consciência em Jacó Arminio. 2022. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Diretoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo: UMESP, 2022.
- COUTO, Vinicius. *Fé x Obras: ortodoxia e ortopraxia na teologia de John Wesley*. São Paulo: Reflexão, 2018.
- DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA. “Vulnerável”. In: _____, 2008-2021. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/vulner%C3%A1vel>. Acesso em: 07 fev. 2023.
- GONZÁLEZ, Justo. *Juan Wesley: desafios para nuestro siglo*. Buenos Aires: Cátedra Carnahan, 2003.
- HEITZENRATER, Richard P. *Wesley e o povo chamado metodista*. São Bernardo do Campo / Rio de Janeiro: Editeo / Pastoral Bennet, 1996.
- ISRAEL, Jonathan. *The Dutch Republic: It’s rise, greatness and fall – 1477-1806*. New York: Oxford University Press, 1995.
- MANQUARDT, Manfred. *John Wesley’s social ethics: practices and principles*. Nashville: Abingdon Press, 1992.
- MARONIER, Hendrik Jan. *Jacobus Arminius: een biografie*. Amsterdam: Y. Rogge, 1905.
- MEEKS, M. Douglas. *Economia global & economia de Deus*. São Bernardo do Campo: Editeo, 2001.
- MELÉNDEZ, Frederico A. *Ética y economía: el legado de Juan Wesley a la iglesia en América Latina*. Buenos Aires: Kairós Ediciones, 2006.
- PARKER, Geoffrey. *The Dutch Revolt*. London: Pelican Books, 1985.
- Protocollen der Kerkeraad Amsterdam, Algemeen*. In: *Archief Nederlands Hervormde Gemeente Amsterdam, Gemeente Archief Amsterdam*, vol. 1, 1578-1589, p. 409. Disponível em: <https://n9.cl/u9n89>. Acesso em 07 fev. 2023.
- RUTGERS, F. I. (ed.). *Acta van de Nederlandsche Synoden der Zestiende Eeuw: Verzameld en Uitgegeven*. Utrecht: Kemink & Zoon, 1889.
- TRACY, Wesley. Economic policies and judicial oppression as formative influences on the Theology of John Wesley. *Wesleyan Theological Journal*, v. 27, n. 1, p. 30-56, 1992.
- WESLEY, Jhon. Pensamentos sobre a escravidão. In: RENDERS, Helmut. *John Wesley e a luta abolicionista*. Com edição bilingue dos seus *Pensamentos sobre a escravidão* e de seis cartas para abolicionistas, traduzidas e revisadas por Filipe Maia. São Paulo: ASTE, 2019, p. 90-157.
- WESLEY, John. Sermon 108 – On Riches. In: _____. *The Works of John Wesley*, vol. 3 – Bicentennial Edition. [Editor: Albert C. Outler]. Nashville: Abingdom Press, 1986, p. 518-528.
- WESLEY, John. Sermon 111 – National Sins and Miseries. In: _____. *The Works of John Wesley*, vol. 3 – Bicentennial Edition. [Editor: Albert C. Outler]. Nashville: Abingdom Press, 1986, p. 564-576.
- _____. Sermon 131 – On The Danger Of Increasing Riches. In: _____. *The Works of John Wesley*, vol. 4 – Bicentennial Edition. [Editor: Albert C. Outler]. Nashville: Abingdom Press, 1987, p. 177-186.

- _____. Sermon 22 – Upon Our Lord’s Sermon on the Mount: Discourse Two. In: _____ . *The Works of John Wesley*, vol. 1 – Bicentennial Edition. [Editor: Albert C. Outler]. Nashville: Abingdom Press, 1984, p. 488-509.
- _____. Sermon 24 – Upon Our Lord’s Sermon on the Mount: Discourse Four. In: _____ . *The Works of John Wesley*, vol. 1 – Bicentennial Edition. [Editor: Albert C. Outler]. Nashville: Abingdom Press, 1984, p. 531-549.
- _____. Sermon 50 – The Use of Money. In: _____ . *The Works of John Wesley*, vol. 2 – Bicentennial Edition. [Editor: Albert C. Outler]. Nashville: Abingdom Press, 1985, p. 263-280.
- _____. Sermon 51 – The Good Steward. In: _____ . *The Works of John Wesley*, vol. 2 – Bicentennial Edition. [Editor: Albert C. Outler]. Nashville: Abingdom Press, 1985, p. 281-299.
- _____. Sermon 61 – The Mystery of Iniquity. In: _____ . *The Works of John Wesley*, vol. 2 – Bicentennial Edition. [Editor: Albert C. Outler]. Nashville: Abingdom Press, 1985, p. 451-470.
- _____. Sermon 87 – The Danger of Riches. In: _____ . *The Works of John Wesley*, vol. 3 – Bicentennial Edition. [Editor: Albert C. Outler]. Nashville: Abingdom Press, 1986, p. 227-547.

Submetido em: 18/02/2023

Aprovado em: 15/06/2023